



HEZKUNTZA SAILA
DEPARTAMENTO DE EDUCACIÓN

2019ko EPE. HIZKUNTZA-ESKOLA OFIZIALAK

OPE 2019. ESCUELAS OFICIALES DE IDIOMAS

ESPEZIALITATEA / ESPECIALIDAD:

Tribunal OPE 2019 - EOI Português

Este exercício tem o valor de **60%** da nota total da parte prática.

Escolha **UM** dos seguintes textos.

EXERCÍCIO 1-A

I say potato

Capicua

In Revista Visão, a 31 de maio de 2018

Seria educativo explicar que não é o sotaque do Norte, das Beiras, do Alentejo ou das Ilhas que faz das pessoas parolas

Fred Astaire e Ginger Rogers cantando *I say potato, you say potato* no clássico *Let's Call the Whole Thing Off* e eu a pensar em fazer uma letra equivalente para as diferenças linguísticas entre o portuense e o lisboeta.

Desde que ouvi pela primeira vez a letra numa aula de inglês, ainda na escola, percebi que esta variação de sotaques se aplica também na nossa língua e que nós também deveríamos ter uma canção que a consagrasse. Até para podermos usá-la nas aulas de português.

Seria muito útil ensinar aos lisboetas que (sim) eles têm um sotaque e que (não) a sua forma de falar não é “neutra”. Seria importante perceber que não há nada de errado com as diferentes fonéticas da nossa língua e que lá porque na televisão e na rádio há um predomínio do alfacinha, o resto dos sotaques têm direito à vida e recomendam-se.

Seria educativo explicar que não é o sotaque do Norte, das Beiras, do Alentejo ou das Ilhas que faz das pessoas parolas. E que no Norte, nas Beiras, no Alentejo ou nas Ilhas há muita gente culta e educada que tem sotaque e faz questão de o manter. É claro que em vez de *potato*, *tomato*, *neither* ou *either*, com as diferentes fonéticas que a língua inglesa contém, a minha letra estaria preenchida pelas nossas palavras, com as suas *nuanças* e com os mal-entendidos que às vezes acontecem nas nossas conversas.

Numa versão mais ambiciosa, abarcaria todas as variantes regionais (riquíssimas, aliás), brincando, por exemplo, com o facto de no Algarve se chamar *alcagoitas* aos *amendoins* e de haver quem noutras zonas lhes chame *pinotes* (numa derivação de *peanuts*). Mas como isso não caberia apenas numa letra e aproveitando a minha árdua experiência de trabalho nos perdidos e achados da tradução tripeiro-alfacinha, na qualidade de portuense que vive entre Lisboa e Porto há muitos anos, o melhor seria fixar a atenção por aí mesmo.

Começando pela fonética, teria de referir as diferenças entre como (do verbo comer) e como (enquanto conjunção). Que no Porto divergem foneticamente e em Lisboa não. Um portuense diria “eu *cômo* *cúmo* um alarve”. Um lisboeta acharia que isso é só esquisito. No Porto diz-se *mestrado* (com o E fechado) quando em Lisboa é “*métrado*” (bem aberto). No Porto diz-se “*dezôito*” quando em Lisboa é “*dezóito*”. Já para não falar do “*treuze*” com U no meio, como alguns lisboetas fazem questão de dizer.

Depois passaríamos aos termos, para assinalar a *cruzeta* e o *cabide*, o *aloquete* e o *cadeado*, a *sertã* e a *frigideira*, o *molete* e a *carcaça*, o *fino* e a *imperial*, o *cimbalino* e a *bica*, o *lanche* e a *merenda*, o *bolinho* e o *pastel* (de bacalhau), o *guarda-chuva* (ou *chuço*) e o *chapéu de chuva*, a *carteira* (de senhora, diferente de *porta-moedas*) que em Lisboa é *mala*, a *mala* (do carro) que é *porta-bagagens*, o *estrugido* e o *refogado*, a *sapatilha* e o *ténis*, o *manco* e o *coxo*, os *cordões* e os *atacadores*, entre muitas outras coisas...

Claro que teríamos de enumerar também as expressões, como “*três menos um quarto*” e “*um quarto para as três*”, “*à minha beira*” e “*ao pé de mim*”, o *pega* e o *toma* (quando se entrega algo a alguém), o *calcar* e o *pisar*, e a minha favorita: *bufar* as velas em vez de *soprar*. Ou a incompreensão dos lisboetas quando um portuense diz “*de caminho*”, para dizer “*daqui a pouco*”. Ou quando diz “*à meia hora*” para indicar “*ao meio-dia e meia*” ou “*ao meio-dia*” para dizer “*ao almoço*”.

E finalmente o calão, como o *tótil* e o *bué*, o *quito* e a *beca*, o *ressaca* e o *carocho*, o *paiva* e a *ganza*, o *chunga* e o *fatela*, o *azeiteiro* e o *bimbo*, o *guna* e o *mitra*, o *jeco*, o *cota*, a *bina*, o *bote*, o *travinca*, a *pita*, o *bacano* e muitas outras coisas que podem ter ou não equivalente do outro lado.

Conclusão: a minha letra vai ter isto tudo, uma métrica perfeita, rimas complexas e uma pitada de ironia. Vai ser *incrível!* Só falta escrever.

(Nota: este texto respeita a grafia original do seu autor)

Analise o texto, tendo em conta:

- a) O tipo de texto (1/10)
- b) Aspectos linguísticos referidos no texto (3/10)
- c) Aspectos geográficos e culturais presentes no texto (2/10)
- d) Aplicação didática deste texto na aula de PLE em EOI, num mínimo de dois níveis (4/10).

EXERCÍCIO 1-B

Prefiro dizer o título no fim

José Luís Peixoto

In Revista Visão, a 13 de junho de 2013

Deitado sobre a colcha da cama do meu quarto, eu tinha quinze, dezasseis anos e sabia que aquele livro estava a mudar a minha vida para sempre

Deitado sobre a colcha da cama do meu quarto, eu tinha quinze, dezasseis anos e sabia a importância do livro que estava a ler.

Nas aulas de português da escola secundária, o professor era um padre que chegava sempre composto e penteado, cabelo moldado com brilhantina. Tinha um anel no dedo mindinho e lia passagens desse livro com uma solenidade que me deixava a adivinhar o eco das suas missas. Depois, quando falava sobre o livro, entusiasmava-se e emocionava-se ao ponto de fechar os olhos. A sinceridade desses sentimentos era evidente e enchia a sala. Sem sair da sua postura, deixava escapar um sorriso discreto que cativava.

Li esse livro durante um verão. Julho, agosto, setembro. A seu tempo, anos antes, tinha sido lido pelas minhas irmãs. Habitara-me a ver a sua lombada numa prateleira do quarto delas e a saber que me esperava.

Eu passava esses verões a ajudar na carpintaria do meu pai. Sob o cheiro da madeira, o interior das árvores, fazia toda a espécie de pequenos trabalhos enquanto o meu pai e os outros homens montavam portas e janelas.

Essas horas eram diferentes porque eram muito lentas. As manhãs e as tardes pareciam intermináveis. Os homens estendiam os assobios pelo ar. Essas melodias atravessavam nuvens da serradura fina que se colava ao suor, atravessavam a luz que entrava pelas janelas do pátio, esbarravam no barulho ensurdecido das máquinas e, depois, regressavam à sua liberdade virtuosa, com a pontuação de marteladas.

Quando chegava a casa, as roupas lavadas depois do banho eram um alívio para a pele. Sentia o descanso até nos pensamentos. Era nesses fins de tarde que me deitava sobre a colcha da cama do meu quarto e lia o livro. Pela janela, chegava o som dos sinos da vila e a claridade branda que o céu refletia, claridade rasa sobre a terra da tapada, a recortar as copas das oliveiras.

Então, diariamente, voltava àquele mundo. Tão diferente do meu e, no entanto, a puxar-me para o seu interior e, afinal, a pertencer-me também. O livro não me pesava nas mãos: as capas forradas a plástico e as anotações à margem, feitas a lápis, com a caligrafia da minha irmã Alzira.

Li a última página em setembro, já tinha feito dezasseis anos e, logo depois da última palavra, caí no silêncio. Nesses dias, falava menos ao carregar aros de portas. Ao serão, enquanto jogava bilhar na Casa do Povo, ficava mais calado do que o habitual, ouvia-se mais o barulho das bolas a baterem umas nas outras.

Quando a escola começou, ainda me adaptava a ser um ano mais velho, mas sentia-me preparado para o décimo primeiro ano. Na aula de português, quando o professor perguntou

quem tinha lido o livro, levantei o braço o mais alto que consegui, como se crescesse ao fazê-lo. Ao meu lado, também de braço no ar, estavam outros que, sabia bem, não o tinham lido. Começámos por *Eurico, o Presbítero*, de Alexandre Herculano. O professor falava como se o seu rosto refletisse a devastação do campo de batalha. Lembro-me bem do modo longo, articulado, como pronunciava "Hermengarda". Depois, atravessámos o inverno com *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. A seguir, por fim, o título do livro surgiu nos sumários que o professor ditava no início da aula.

O livro. Ninguém notava, havia muitas outras coisas em que reparar, mas as palavras do professor encontravam um caminho até ao meu centro. Quando o professor escrevia algo no quadro, fazia-o com uma caligrafia muito certa. Cada frase, escrita ou falada, lançava luz sobre a minha memória do livro. Só o toque de saída interrompia essa homilia. Entre o som de vozes e cadeiras arrastadas, olhava para o professor a arrumar a pasta.

Um dia, quase no fim do segundo período, o professor não veio. Passou uma semana e continuou sem vir. Então, soubemos que estava doente. Passaram as férias da Páscoa e continuámos sem aulas de português. A meio do terceiro período, soubemos que o professor tinha morrido. Ficámos com a nota do segundo período e não chegámos a fazer qualquer teste com matéria de *Os Maias*, o livro que eu tinha lido no verão anterior.

Deitado sobre a colcha da cama do meu quarto, eu tinha quinze, dezasseis anos e sabia que aquele livro estava a mudar a minha vida para sempre.

(Nota: este texto respeita a grafia original do seu autor)

Analise o texto, tendo em conta:

- a) O tipo de texto (1/10)
- b) Aspectos morfológicos, fonológicos, semânticos, estilísticos e culturais (3/10)
- c) Movimentos literários presentes no texto (2/10)
- d) Aplicação didática deste texto na aula de PLE em EOI, num mínimo de dois níveis (4/10).

Tribunal OPE 2019 EOI Português

Este exercício tem o valor de **40%** da nota total da parte prática.

Escolha **UM** dos seguintes temas e redija um texto.

EXERCÍCIO 2-A

Imagine que é docente numa escola da sua área de residência. Este ano, é colocado(a) a 500km de distância.

Escreva uma carta ao Ministério da Educação a pedir destacamento.

220 a 250 palavras. Valor: 10 pontos

EXERCÍCIO 2-B

O que supôs para Portugal o regresso de milhares de portugueses após o 25 de abril?

Redija uma carta ao diretor para um jornal digital português analisando este tema.

220 a 250 palavras. Valor: 10 pontos